

José de Mesquita
Do Instituto Histórico e da Academia
Mato-grossense de Letras

João Poupino Caldas

(Contribuição para o estudo da “Rusga”)

SEPARATA
DA “REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO
DE MATO GROSSO

Cuiabá
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
MCMXXXIV

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

I

A progênie

Na sociedade cuyabana dos fins do século XVIII e inícios do XIX, formara-se uma espécie de patriciado, constituído pelos elementos de maior prestígio, seja pela posição, seja pelos haveres, seja pela tradição familiar. Compostas em grande parte pelos descendentes dos penetradores do sertão, vindos nas bandeiras ou nas monções de povoado, a que se uniram os filhos da Metrópole, em geral “homens que viviam dos seus negócios”, como costumavam individuar-se elles mesmos, as linhagens cuyabanas mais realçadas levam quasi sempre, nas suas origens, um costado luso para três nativos, quando não paulistas. Em geral, são pelo lado materno autochtones e portugueses pelo paterno, como ocorre com Serras, Cerqueiras, Rochas e Corrêas, sendo raras as famílias cujo ascendente masculino, dentro da antiga Capitania, não seja um português. Podem citar-se nestas condições os Laras, Monizes, Amaraes Coutinhos e Gaudies, tendo aquelles genarchas paulistas (de Itu, Porto feliz) e estes goyanos. Não fugiram á regra os Poupinos, progênie das mais destacadas da época, na qual deveria evidenciar-se, como figura primacial nas luc-

tas nativistas, o famigerado João Poupino Caldas. O avô de João Poupino, Joaquim Lopes Poupino, natural da Villa de Belém, bispado de Elvas, arcebispado de Évora, desempenhou proeminente papel na vida da Capitania, para onde veio moço ainda, occupando os cargos de almotacé e vereador do Senado da Câmara (1), tendo sido ajudante do terço das ordenanças da villa, morrendo capitão das mesmas ordenanças, a 21 de Junho de 1796. A sua actuação nas guerras de fronteiras, na conducção do ouro, no levante de negros no Iacé (Jacé?) e, sobretudo, na construcção do forte do Príncipe da Beira, se patentêa através da justificação que, em 1809, fez um dos seus netos e que fiz publicar na Revista do Instituto Histórico de Matto-Grosso (2), na qual se vê que “por espaço de mais de 29 annos thé sua morte” “se empregou por muitos annos no Real Serviço de Sua Alteza”. Casado em Cuyabá com D. Maria Bernarda do Rosário, natural dessa villa do Bom Jesus, teve, como testifica o seu inventario, procedido em 1797 (3), os filhos: José Lopes. Poupino, Izabel Antonia, Catharina Maria Jorte (ou D'orta), Maria Bernarda e Anna de Alvim Poupino. *José Lopes* (filho) falleceu com 67 annos, a 8 de outubro de 1824, sem deixar descendentes; *Izabel Antonia* e *Catharina* conservaram-se solteiras, sendo a primeira demente; *Maria Bernarda* casou-se com o licenciado Francisco de Paula de Azevedo, (4) fallecido no fim do século XVIII, deixando um filho, Albano de Souza Ozório e *Anna* recebeu por marido a Manoel Ventura Caldas, português, filho de Custodio Caldas e Rosa Gomes, naturaes da villa do Melgaço, arcebispado de Braga. De *Manoel Ventura*, fallecido em 1800, e *Anna de Alvim Poupino* procederam os quattros filhos *Bento José Caldas*, *João Poupino Caldas*, *Marianna de Alvim* e *Maria Teresa*. Bento, o primogênito do casal, nasceu em 1788 e João Poupino em 1790, como se vê do termo que se segue: «Aos sete dias do mês de julho de mil setecentos e no-

venta annos nesta igreja Matris do Cuyabá baptizou e pos os Santos Óleos o Reverendo Ignácio da Silva de Albuquerque a João inocente nascido a vinte e seis de junho do dito anno filho legitimo do Tenente Manoel Ventura Caldas e D. Anna de Alvim Poupino, esta natural e baptizada nesta freguezia aquelle natural de Portugal, neto paterno de Custodio Caldas e Rosa Gomes naturaes do Melgaço Arcebispo de Braga e materno de Joaquim Lopes Poupino natural da freguezia da villa de Belem Bispado de Elvas e de D. Maria Bernarda do Rosário natural desta freguezia forão padrinhos o capitão Joaquim Lopes, Poupino e sua filha D. Maria Bernarda Poupino, solteira». (5)

Adversa fortuna acolheu desde o berço o pequeno João — tinha seis annos quando perdeu o avô e padrinho e ao completar os dez ficou orphão de pae, tendo no anno anterior perdido o tio, esposo de Maria Bernarda. Manoel Ventura era negociante e casara-se em 1787 com Anna de Alvim. Nesse mesmo anno “tendo de seguir viagem para o Rio de janeiro” fez o seu testamento, que só veio a ser executado 13 annos após. Declara no mesmo ter nascido na freguezia de S. Lourenço do Prado, termo de Melgaço, comarca de Valença, arcebispado de Braga. No seu inventario, além de grande numero de mercadorias, figuram ouro (em barra, em pó e lavrado) pratas, casas de sobrados na Rua do Ouvidor e uma chácara no Andarahy (Rio), compradas aquella ao cap. Manoel Gomes Pinto, ao preço de 4:000\$ e esta ao cap. Pedro Duarte, a 2:400\$. Os bens de Ventura foram em praça, em 1801 a requerimento do alferes José de Pinho de Azevedo, tutor dos orphãos, e tendo a viúva reclamado ao Rei assistir-lhe, emquanto se não casasse, o encargo de tutora, foi, por provisão de D. João VI, datada de 22 de junho de 1804, reconhecido o seu direito.

Dos irmãos de Poupino, Bento falleceu antes de 1833, sem deixar herdeiros, Marianna casou-se com o

capitão-mór André Gaudie Ley e Maria Teresa com Antonio Navarro de Abreu (o 1º) de quem veio a enviivar-se em 1825, casando-se com o desdor. Antonio José da Veiga.

II

A Formação

Comquanto privado da assistência paterna aos dez annos de idade, não faltou a Poupino um ambiente propicio á expansão das suas qualidades de predomínio, cedo reveladas.

Ficou a família em situação de relativa abastança, possuindo bens que lhe facilitariam qualquer carreira que a sua inclinação abraçasse.

No meio colonial e na época em que surgiu João Poupino, os quadrantes que se offereciam aos jovens das famílias importantes pelo dinheiro ou pela posição social eram o clero, as armas, o commercio ou a vida rural dos engenhos e fazendas de criação.

Todas as famílias numerosas e de destaque offereciam pelo menos um filho a Deus — quasi sempre o primeiro — sendo, por isso mesmo, para notados os grupos familiares que não possuíam um representante do clero.

Os pendores do jovem Poupino o levaram, entretanto, para as duas carreiras que se coadunavam com o seu temperamento árdego e cheio de ambições: — a milícia, primeiro, e, depois, os negócios.

Não deixa de ser digna de registo, pelo seu valor como índice psychologico, esta circumstancia de não ter sahido da família Poupino um sacerdote nem um senhor de engenho ou fazendeiro.

Faltavam, na estrutura racial dos descendentes do constructor do forte do Príncipe da Beira, essas tendências ao gênero de vida socegado e methodico do sacerdócio e, bem assim, a veia do ruralismo, que requer qualidades innatas, quando não mesmo hereditárias, muito peculiares.

Dos seus parentes, ascendentes, descendentes ou colateraes observamos que a mesma regra lhes traçara o rumo da vida, caracterizadamente influenciada pelo que chamaremos a diathese citadina ou urbanista.

José Lopes, seu único tio varão pelo lado materno, não se afastou de Cuyabá, vindo a morrer solteirão, com quasi setenta annos; das tias maternas, Maria Bernarda, única que tomou estado, teve por esposo a um licenciado, o que equivalia naquelle tempo, ao «casamento com doutor», dos dias de hoje; Bento, seu único irmão, não arredou pé da cidade, onde morreu relativamente moço; e ambas as irmans, Marianna e Maria Teresa, desposaram legítimos expoentes do patriciado coevo, uma o Capitão-mór Gaudie, homem da milícia e proprietário urbano e outra o coronel Navarro de Abreu, commerciante e político, de quem se enviuvou, ainda joven, para convolar a novo thalamo com o des^{of}. Veiga.

Bem visto que sempre a predominar na família se nota a tendência urbanista, nos seus aspectos de mais relevo na época — militança, o commercio ou a carreira político-administrativa.

Mesmo si quisermos levar mais longe o espírito investigativo, chegaremos á conclusão de que, entre os descendentes dos Gaudies, Poupinos e Navarros de Abreu não se encontra nenhum grande senhor rural, dono de engenho ou criador, canalizando-se para a politica, para o commercio, para os cargos públicos e para a carreira militar a quasi totalidade dos provenientes dos ramos cuyabanos que têm como matriarchas as irmans de João Poupino (6).

Reunindo, em elevado potencial, as qualidades boas e más dos seus antepassados, Poupino Caldas destinava-se a ser um desses typos de eleição, vincados por uma forte predestinação, que o faria um homem invulgar no seu meio e no seu tempo.

Netto de militar e filho de commerciante — ambos portugueses de boa linhagem — o joven João conseguiu aprimorar os attributos que a herança psychica lhe trouxera. Foi ambas as cousas ao mesmo tempo: homem da milícia e de negócios, e, ainda mais, político de projecção marcada, de prestigio social inconfundível, chegando a ser quasi o verdadeiro Conductor da sua geração, por seus attributos pessoas de nobreza, bravura e desprendimento, que o fadariam a mais brilhantes destinos, si essas mesmas qualidades não o houvessem sacrificado tão prematuramente, na mysteriosa tragédia do “beco da Câmara”

III

Começo da carreira

Com pouco mais de vinte annos, vamos encontrar o moço Poupino tenente da 6^a Companhia do Regimento de Cuyaba (7), e, logo após, capitão da Companhia de granadeiros da Legião de Milícias da mesma villa (8).

Mantinha, concomitante á sua actividade miliciana, uma casa de commercio, montada com que lhe adviera do espolio paterno.

Prosperou grandemente neste ramo, concorrendo para isso não tanto o prestigio social de que gosava a sua gente, como as suas maneiras pessoas de conduzir-, bem tractando a todos os que d'elle se aproximavam, mesmo para um simples contacto de negocio.

Vem, a propósito o episodio illustrativo que conta o Visconde de Taunay, no seu livro “A cidade de Mato Grosso” (9). Incumbiram a um vendeiro o assassínio de Poupino e aquelle o procurou, pretextando uma necessidade de dinheiro que, denegado, ser-lhe-ia fácil ensanchar para uma briga que justificasse a aggressão.

Pedi-lhe 10 oitavas de ouro para sortir o seu bolicho.

«O coronel, — relata-nos, Taunay — com a generosidade que lhe era peculiar além da grande amabilidade quando se sentia calmo, respondeu, que tal quantia não lhe podia ser útil e apontando para um sacco a um canto da sala lhe disse: “Leve aquillo; alli estão 50 oitavas em cobre.” Obedeceu o taverneiro e foi ter com os mandantes.

“Então cumpriu o trato? O cujo está arranjado? perguntarão sôfregos.

“Qual senhores, um homem daquelles não se mata! Procurem outro de menos consciência que eu.”

Ligou-se pelo casamento a uma das mais importantes famílias cuyabanas, os Albuquerque, desposando em 1820, com 30 annos de idade, Dona Luisa, filha do Sargento-mor Antonio da Silva Albuquerque e de Dona Maria Francisca de Moraes, e, netta pelo costado varonil do dr. Antonio da Silva Pereira e D. Marianna de Albuquerque Rolim de Moura, pernambucanos, e pela linha materna, de Antonio de Moraes Navarro e Dona Maria Cordeiro de Oliveira, de nobre linhagem paulista. (10)

Dos acontecimentos de que foi theatro Cuyabá, em agosto de 1820, culminando na deposição de Magessi e na organização de um governo provisório, trouxeram logo á tona o nome de João Poupino, que, ao lado dos seus parentes André Gaudie, Guimarães, Jeronymo J. Nunes, Navarro de Abreu (o 1º), membros da Junta go-

vernativa, começou desde logo a ter actuação marcada na situação criada pelo movimento autonomista que facilmente victoriara.

A época era das mais decisivas.

Cuyabá jogara, com raro desassombro, uma cartada brilhante, da qual ou sahiria esmagada pelos elementos da velha Capital ou arrancar-lhe-ia as glorias e os proventos da hegemonia politica.

Abre-se a Poupino, então no vigor dos seus trinta annos pujantes, fácil caminho ao accesso das mais altas posições, nas quaes, com rara habilidade e dotes incommuns; afaga, cultiva e conquista a Popularidade — essa eterna loureira que acompanha todos os carros de triumpho ...

IV

Ascensão

Foi, indubitavelmente, das mais trepidas da Historia: mattogrossense, a phase que se seguiu á deposição de Magessi, em 1820, até os trágicos acontecimentos da “Rusga”, em 1834.

Não está no plano desta monographia estudar-lhe, os antecedentes e nem mesmo focar a gênese do drama de 30 de maio, através dos eventos desenrolados em Matto-Grosso nesses quatorze annos de agitação e tumulto.

Outros, em theses pertinentes ao assumpto, abordarão, com proficiência, esses aspectos.

Cabe-nos tão somente examinar o papel desempenhado, nesse período, pelo famoso caudilho, que serve de objecto a este ensaio.

A actuação de João Poupino, nos acontecimentos que assignalaram esses annos confusos de anarchia de-

magógica, desfechada na hecatombe final da noite do “matabicudo”, é das mais dignas de exame, e, comquanto haja sido já apreciada em mais de uma ocasião, merece ainda detido estudo no qual, desapassionadamente, se procure formar um juízo acerca de tão interessante individualidade.

A figura de Poupino, tida por uns como a de um dos grandes responsáveis no deflagrar do sinistro de 1834, continua a ser, ao lado de outros pouco estudados vultos do Passado, uma esfinge desafiadora dos espíritos amigos de decifrar, através dos acontecimentos ephemeris, a trama psychologica dos seus protagonistas.

É, naquella dédalo de situações, qual a qual mais dramática, que se lhe avulta a personalidade invulgar, contrastando com o espírito conservador e ordeiro de um André Gaudie ou Antonio Corrêa, para logo depois se oppor a irriquietude de um. Patrício Manso e ás demasias jacobinas de 34, deflagradas pelos seus companheiros da véspera, que elle, só então medindo as consequências, não tardaria a punir de forma rigorosa e vexatória.

Naquella quadra sinistra, de convulsão generalizada, em que as torvas explosões do ódio contra a Metrópole oppressora se casavam aos baixos instinctos irreprimíveis de uma plebe açulada pelos demagogos fr. Nascentes, Bento Franco, Patrício e outros, Poupino destaca-se, com o seu formidável prestigio, como sendo o homem possuidor da maior somma de energia e actuação mais decisiva no seio do povo.

O chefe do partido nativista entrara para a politica pelas armas, e, com as qualidades pessoaes de fascínio e seducção que lhe eram peculiares, não tardou a ascender os mais altos postos da administração.

Em 1815 já pertencia á Câmara de Cuyabá, a corporação politica local de maior relevo e na qual se lhe ensejaria fácil carreira, sabido que os camaristas formavam o conselho administrativo das cidades ou villas.

De parelha com a carreira na administração, a da milícia não foi menos rápida, pois, em 1820, logo após a constituição da junta em que tinha dois cunhados — Gaudie e Navarro — e um concunhado — Jeronymo J. Nunes, — era promovido a tenente-coronel, posto no qual não tardaria a empolgar a milícia e a guarda nacional, da qual se tornou o prestigioso e incontrastado chefe. (11)

Entra logo a actuar desassombadamente no sentido de consolidar a hegemonia politica de Cuyabá, desfechando embora o golpe de misericórdia sobre a decadente Villa-Bella, o que lhe valeu, pouco depois, em 1823, reprimenda do governo central, em officio de José Bonifácio, que estendia também a Felix Merme e aos P. P. Joaquim José e José Gomes da Silva a responsabilidade em «tão vergonhosas rivalidades». (12)

Acariciava Poupino a ideá de fazer de Cuyabá o centro político definitivo da província, idea que se converteria em facto e se consubstanciaria em lei, dentro de alguns annos, pois exprimia não a velleidade ou interesse dos cuyabanos, mas sim um postulado lógico e fatal da evolução histórica, nas suas leis quasi inexoráveis.

Fazia-se Poupino apenas nisto, como em outros aspectos da sua actividade dinamica, o instrumento providencial, o «homem — acção», o propulsor catalytico poderoso que, numa dada época, impulsiona os acontecimentos que têm de vir, accelera-lhes talvez, a marcha, mas não passa, no fundo, de um protagonista de peças que as forças inevitáveis do Destino ou da Historia já haviam escripto e ensaiado.

Atirado ao vórtice daquella época agitada não tardaria que, com a morte do presidente da junta popular de 1820 — o Bispo D. Luiz de Castro Pereira, e a falta, de outros elementos, precisamente dois annos após, a 20 de agosto de 1822, Poupino entrasse para a di-

recção suprema, como membro da junta governativa, em que continuavam todos os seus prestigiosos parentes affins que vinham da primeira junta.

Era o apogeu da carreira, o fastígio meridiano do sol, que dahi ha pouco, numa década e meia, de 1822 a 1837; iria esplender na agitada phase politica da província, empolgada pelas luctas do nativismo, em reacção contra os desmandos de mais de um século, que caracterizaram o poderio dos representantes da Metrópole ávida e oppressora.

Foi na Junta do governo que a independência politica do país o veio encontrar, collocado assim em posição da qual somente o desalojaria o 1º presidente José Saturnino da Costa Pereira que governou de 1825 a 1828, substituído pelos Conselheiros J. J. Nunes e André Gaudie Ley, com quem Poupino, por suas relações de parentesco, se entendia perfeitamente.

V

O nativista

Já os horizontes cuyabanos se annuviavam pesadamente, por todos os quadrantes, em claro prognostico da tempestade vindoura.

Não havia tranqüillidade em toda a província, e muito menos na nova Capital, que, num golpe de audácia, empolgara o poder.

Clara, se delineava a lucta entre o elemento que até ahi vinha predominando pelos haveres, prestigio e posição, e a geração nova que surgia, já imbuída das idéas liberaes que, numa expansão incoercível, ganharam o mundo, depois da revolução francesa dos fins do século XVIII.

Até estas remotas paragens, quasi ilhadas pelo sertão immenso e pelos rios invadeáveis, chegavam os ecos do grande prélio das idéas, que deveria fazer do século passado a era do liberalismo, impulsionado pelo verbo hugôano, que pregava nas letras o que, na politica, iriam fazer os Thiers e Guizots, arautos dessa escola cedo triumphante e que agora parece destinada a um collapso prolongado, sob o guante das dictaduras personalistas ou classistas.

No Brasil, além desse aspecto, a lucta se revestia, no primeiro quartel do século XIX, de um outro feitio que mais a engravecera: — o da reacção do elemento nacional, dos nativistas, contra os representantes da ganância colonial e os ricos proprietários, as classes abastadas, que, em longos annos de incontestante mandonismo, haviam garroteado os verdadeiros donos da terra.

Era, não ha negar, menos que uma lucta de raças, uma verdadeira lucta de classes, antecipando o sentido marxista da expressão.

A raça aparentemente visada era a lusa, a dos senhores e potentados do dinheiro — mas, no fundo, o que se alvejava era a destruição summaria de um estado de cousas caracterizado pelo poderio discricionario de uma classe com o esmagamento prolongado de outra.

Para isso se pregava abertamente a nova ordem de cousas, em que os “brasileiros” deveriam ser «os donos do Brasil» e não havia contemplação nem mesmo com os «adoptivos» e com os «caramurus», nacionaes que acoitavam o elemento português, mira de toda a odiosidade.

Bem visto que não era uma questão de raça: e sim, pura e simplesmente, uma questão de classes, uma revolução social, como se diria em linguagem de hoje.

E a Poupino se prefadava interessante e decisivo papel na extraordinária scena que se esboçava, em hora critica para a nossa Historia.

Tudo o arrastava para a lucta, ao lado dos nativistas.

Cuyabano de mais de um costado, pela linhagem materna, tinha até no physico os traços indeléveis do autochtonismo, sendo assim descripto por Taunay, que se louva em depoimento de contemporâneos:

«Era homem alto, todo músculos e nervos, de feição expressiva, olhos negros muito vivos em rosto trigueiro, faces um tanto encovadas e bastante barbado no queixo. (13)

O seu prestigio se exercia mais ao vivo no seio do povo, comquanto o ligassem laços de família aos melhores elementos da aristocracia rural e urbana da época.

Era, sobretudo, na milícia e na guarda nacional que Poupino gosava de enorme somma de sympathias, sendo, por outro lado, não menor a sua aura de estima no meio do populacho, que, por suas maneiras lhanas e prestativas, soube logo conquistar.

A sua cultura mediana e o seu espírito accessível o punham em contacto fácil com quaesquer elementos, fossem da alta sociedade ou da ínfima ralé.

Não tardaria que o chrismassem «Pompeu cuiabano», cantando-lhe, em versinhos de pé quebrado, o valor de «gigante e culto Poupino» que, ao lado dos resolutos brasileiros, iria cavar a «ruína infallivel» dos portugueses, acoimados de «ingratos, monstros ferinos.» (14)

Crescia-lhe por ess'arte desmedidamente o prestigio, que, hábil e solerte, sabia explorar, com os celebres “refrescos” á guarda nacional, com os gastos de verdadeira prodigalidade, visando a conquista das massas e, sobretudo, com a campanha tenaz e persistente que ia desenvolvendo a favor das idéas autonomistas e liberaes, nativistas e anti-reaccionarias, sempre fáceis de encontrar acolhida no seio da plebe, visando, quando mais não seja, represálias de antigos aggravos e expan-

sões de sentimentos baixos de ambição e animalidade longamente sopeados e adormecidos.

Foi nesse paiol perigoso que, João Poupino, talvez inconscientemente ou sem medir todas as conseqüências da explosão, ateou o rastilho que produziu formidável abalo de 30 de maio, que, depois, tentou em vão, reprimir e cuja punição, pela semi-responsabilidade moral que lhe tocara nos acontecimentos, não pôde fazer senão acarretando o seu próprio sacrificio.

VI

Nas vésperas da catastrophe

Cuyabá vivia, desde o golpe de 20 de agosto de 1820, dias agitados e de verdadeira confusão.

A década dos 30, porém, entrara ainda mais sombria e carregada de apprehensões sinistras.

A deposição de Pedro I, que outra cousa não foi o 7 de abril, disfarçada em abdicação, fôra o golpe final no absolutismo e no domínio português continuado á sombra do nome do 1º Bragança que governou o Brasil autônomo.

No país inteiro essa noticia echoou, alviçareira, como o verdadeiro complemento do grito do Ypiranga, visto que somente após o 7 de abril de 1831, é que o Brasil passou a ser governado pelos brasileiros.

É fácil imaginar a repercussão desse facto na vida politica e social da recém formada Nação.

Em Matto Grosso, a abdicação veio insuflar as tendências de reacção contra os apatacados senhores da machina politica que eram os portugueses, os chamados «adoptivos», e até mesmo os que eram suspeitos de os proteger.

Cria-se a “Sociedade dos Zelosos da Independência”, arregimentadora dos jacobinos exaltados, tendo á sua testa Patrício Manso, audacioso e solerte mestiço paulista, que os revezes da sorte haviam atirado ás plagas cuyabanas.

Fomentam a rivalidade que Antonio Corrêa, Gaudie e outros mais avisados buscam attenuar, o próprio magistrado judicial, Paschoal Domingos de Miranda, Braz Pereira Mendes, rábula mettidoço, que Gaudie suspende do exercício da profissão «por carência de título legal», Bento Franco de Camargo e outros.

Nesse brazeiro, que era a agitação nativista, fervendo havia um decennio, agiu como um poderoso inflammavel o frade carmelita José dos Santos Innocentes, que por Matto Grosso andou como o «emissário da rebellião», no acertado dizer de V. Corrêa Filho, entre janeiro e agosto. Vinham agravar a situação já de si premente e séria a indisciplina franca das tropas, a penúria representada ao vivo na reduçção virtual de 40% do valor das cédulas da Junta de Fazenda (15), o mal estar causado pelas luctas políticas de Cuyabá e Villa Bella, a actuação anarchica dos «periquitos», sediciosos do Norte tangidos para Matto Grosso, onde se constituíram elemento de subversão e outras concausas que não vem a pello mencionar.

Qual a attitude de João Poupino diante da marémontante da desordem?

Não ha negar que de franco apoio á corrente nativista.

No Conselho do governo, é elle quem com mais ardor impugna a posse de Vaz Guimarães; nos quartéis da tropa, apontam-no como co-responsável nas arruaças de 7 de dezembro de 1832; no seio do povo, em que era indisfarçável o seu prestigio, o nome do caudilho chegou a ser senha da revolução nativista, em vivas entusiasticos, pasquins e versos allusivos á “mor-

te dos pés de chumbo” e á popularidade de Poupino.

A sua actuação em Diamantino, como delegado do governo, é typica, pois, ao envés de acalmar os ânimos, explora a opinião, incitando-a contra os «bicudos.»

Não mediria, talvez — e é isso o mais admissível — os resultados práticos desse movimento, como o piloto inadvertido que leva a canoa, de corredeira em corredeira, para o abysmo que, á sua revelia, acaba por tragal-a...

Poupino fez o jogo perigoso da popularidade e, sem querer, arrastado pelos acontecimentos, quando já não os podia deter, foi, infelizmente, o homem em cujas mãos explodiu a machina infernal engendrada pela astúcia de um Patrício Manso, servindo-se da inconsciência de uns, da pusillanimidade de outros e da perversidade de meia dúzia de cabecilhas, que levaram para a rua, na noite lúgubre, a soldadesca e o povoléo, embriagado pelo álcool e pela cobiça, a dar pasto ás mais torpes concupiscências — a do ódio, a da lascívia e a da ganância.

VIII

A “rusga”

Todos os depoimentos sobre a actuação de João Poupino Caldas no motim de 30 de maio peccam por evidente vicio de suspeição.

Taunay, por exemplo, abeberou-se, com muita boa fé, está visto, no celebre manuscripto que foi publicado na revista «O Archivo» e que V. Corrêa Filho attribue a um dos inimigos de Poupino.(16)

Por outro lado, ha.evidente escassez de fontes elucidativas, tendo se verificado mesmo a preocupação de destruir os vestígios do movimento de 1834, desfalcando os arquivos cuyabanos de boa parte de seus elementos referentes a esse período.

Ilustrativa dessa circunstancia é a afirmação de Joaquim Ferreira Moutinho, que depois de profligar o «extermínio de portuguezes», cuja historia será «uma nódoa de sangue nos annaes da Província», diz textualmente:

«Não tentaremos descrevê-la: apezar de sermos portuguezes, queimamos muitos documentos que diziam respeito aos negocios de 1834. (17)

O que, entretanto, se consegue inferir, quer dos documentos remanescentes, quer da tradição oral, sobretudo dos antigos, que constituem o elo da geração que fez a “Rusga” e da actual, é que a responsabilidade do coronel Poupino teria sido a de ter preparado a reacção nativista e não ter podido oppor a necessária resistência aos desmandos em que ella veio a degenerar.

A mesma talvez dos chefes das revoluções de 1892 e 1906, na morte dos vencidos, Mamede e Norberto, na primeira e Antonio Paes, na ultima.

Desenfrenados os ódios, soltos os ferozes instinctos da multidão, longamente sopeados e vivamente acicatados, não houve dique a contrapor á maré-montante que, na calada da noite de 30 de maio, transpôs os quebramares da razão e da própria autoridade.

Si fraqueza houve da parte de Poupino, também se increpará a mesma responsabilidade a Antonio Corrêa e André Gaudie, brasileiros como elle, com maior parcella de poder, os quaes, todavia, se despojaram dos cargos ao sentirem, longe, o trovoar denunciador da procella tenebrosa.

Verdade seja que a favor daquelles, milita a cir-

cunstância de não haverem sido instigadores da lucta, que, antes, procuraram serenar.

Na hora trágica, porém, limitaram-se ao papel de amparar as victimas, fugindo á responsabilidade de, com o prestigio moral que possuíam, enfrentar a patulêa desvairada.

Poupino, ao invés, quando se apercebeu da desgraça, que vinha ennodar a sua administração, havia dois dias iniciada, procurou sinão impedir, que era tarde, a reprimir e attenuar, confinando quanto possível ás proporções da hecatombe.

E o cabecilha de motins nativistas, que em 1831 era apontado como açulador da desordem, aparece, á testa do governo, e no momento preciso, como o agente inflexível da ordem e o rígido instrumento da repressão á anarchia.

Ouçamos o que diz sobre a actuação, de Poupino o paciente colligidor das “Datas Mattogrossenses”:

Não ha negar a sua cooperação immediata no movimento de 30 de maio, devido á posição official que occupava, a sua apregoada fortuna e mais pela aura popular que o cercava no seio de sociedade cuiabana.

Era, porem, de mediócre cultura, e só se apercebeu da extenção da borasca que vinha alimentando com a sua intensa propaganda nativista, quando a tropa amotinada e o populacho alcoolizado se entregaram pelas ruas de Cuiabá ao saque e ao morticínio. Teve, então e tardiamente, um gesto de reprovação ao movimento armado que inconscientemente preparara.» (18)

É de outro historiographo mattogrossense, o incansável pesquisador João Barbosa de Faria, o seguinte topico referente á acção de Poupino na “Rusga”: «João Poupino Caldas e o Bispo D. José Antonio dos Reis acudiram; tentaram conter aos amotinados.

Elles próprios, porem, foram desacatados e repellidos pelos vândalos.

Ante a improficuidade dos seus esforços, o presidente convocou o Conselho administrativo extraordinariamente, no decurso dos tumultos, para determinar-se a attitude do governo em face dos acontecimentos occorrentes.

Em vista de se achar o governo impossibilitado de reprimir o movimento (o grypho é nosso), por não dispor de tropas nem de armamentos deliberou-se incumbir aos juizes de paz do 1º e 2º districtos, de induzirem os revolucionários á moderação, sob a garantia de que o governo lhes attenderia as exigências.» (19)

No mesmo sentido a versão de que nos fala V. Corrêa Filho, o maior historiador da época da “Rusga”, que, em seu trabalho «De Magessi a Pimenta Bueno», assim se refere ao caso que examinamos:

«Enquanto a mais alta autoridade civil, Poupino, o seu antecessor, Corrêa e o primeiro representante da Igreja. D. José, eram assim desrespeitados, o Commandante das armas a essa hora, em caminho de Villa-Bella, evadia á sorte análoga abandonando o seu posto.

Espedaçados, em semelhante conjunctura, os laços que normalmente os refreiam, os baixos instinctos individuaes empolgaram a direcção da mashorca; integrou-os intensificados a multidão anonyma, cuja ferocidade se evidenciou cruelmente.» (20)

Si dos contemporâneos passarmos aos mais antigos historiographos, outra não será a conclusão acerca da attitude de Poupino Caldas, que, no dizer do Barão de Melgaço, se tornou, logo após o motim sanguinolento, o agente poderoso da repressão e punição dos bárbaros de 30 de maio.

É o que se deprehe de da ephemeride contida nos preciosos “Apontamentos Chronologicos”, em que se diz, com referencia ao anno de 1834:

«O vice Presidente Poupino, unindo-se á gente ordeira, fez com que sahisse do quartel a força que o

occupava, afim de marchar para o Diamantino e tomando conta do mesmo quartel no dia 4 de setembro com homens de ordem, deu-se começo á prisão dos insurgentes”. (21)

VIII

O esteio da ordem

Não extranhará, por certo, a ninguém, a súbita transformação do irriquieto agente da demagogia no resolutivo esteio da legalidade vencedora.

Cabe frisar, desde logo, a curiosa psychologia do caudilho cuyabano, que possui innumeras affinidades com aquelle afoito Bragança a quem devemos a independência e, ao mesmo tempo, as paginas da mais negra tyrannia.

O fundo desigual do espírito de Poupino — que constituirá objecto de um capitulo deste ensaio — explica e até justifica essas apparentes incoherencias.

Solidário, elle o foi, com os nativistas, até a hora em que, afundados no sangue, na chacina, na perversidade, converteram o movimento redemptor de uma classe, em triste e deshumano espezinamento dos dominadores da véspera.

Soube, nesse momento, collocar-se no seu claro papel e desempenhar, com as falhas naturaes do seu temperamento arrebatado, a missão histórica que os acontecimentos lhe determinaram.

Sem conseguir — pois ia de um pólo a outro a sua versatilidade — aquelle ponto ideal que se equidistância da demagogia e do absolutismo, e que no di-

zer frisante de Calogeras caracterizou a acção moderadora de Evaristo da Veiga, Poupino foi, todavia, em Matto Grosso, naquella deflagração sinistra, quem melhor compreendeu e executou o “claro dever do momento em um país dilacerado pelas dissensões internas, com um Poder Executivo fraco, como são todas as regências, provisórias e temporárias». (22)

Vamos respigar na própria documentação official da época, que vem inserta neste numero da “Revista”, os dados que autorizam a crer que foi no exaltado jacobino de 1831 a 1833 que, depois do 30 de maio, a lei, a ordem, a autoridade civil encontraram o mais forte sustentáculo em Cuiabá.

Poupino encarnou, na phase que se seguiu á chacina dos “bicudos”, o espírito eminentemente conservador da nossa gente, que soffreu sob a impulsão de forças extranhas — Patricio Manso, frei Innocentes, os “perequitos” — esse grave collapso, que foi a “rusga” de 1834.

Passada a allucinação, viu-se o povo do Norte de Matto Grosso, — Cuyabá, Diamantino etc. — desamparado pelos elementos que até havia pouco representavam a aristocracia local e a força da autoridade.

Os próprios brasileiros e cuyabanos de prestígio tinham fugido, receiosos das iras do populacho, desenfreado e vindicativo, a exercer as repulsas contra os suspeitos de proteger aos portugueses.

É typico o caso de André Gaudie, o capitão-mór, que desfructava no seio da sociedade cuyabana o mais alto prestigio e se viu, entretanto, apesar de cunhado de Poupino, que era a primeira autoridade, obrigado a fugir, indo para Goyaz, donde somente regressou quando, serenados os ânimos, voltou a bonança aos lares cuybanos.

Em Goyaz é Gaudie quem relata ao Presidente, a 20 Junho, dia da sua chegada, os acontecimentos de

que aquelle transmite a noticia, através das versões recebidas, ao Ministro do Império. (23)

Dahi por diante, é pela correspondência dos presidentes de Matto Grosso e de Goyaz — João Poupino e J. Rodrigues Jardim — que melhor se pode aquilatar do esforço titânico empregado pelo primeiro na defesa e manutenção da ordem.

Quatro meses depois, o presidente Jardim se dirige ao Ministro do Império para communicar-lhe que Poupino enviara presos para Goyaz três indivíduos, de nomes João Antonio Pereira, Antonio da Silva Pamplona e Simplicio José, «como cúmplices nas desordens que tiverão logar na cidade de Cuyabá, na noite do dia 30 e seguintes de Maio ultimo». (24)

Esse officio se faz acompanhar de copia do que João Poupino remetteu ao seu collega de Goyaz, pela escolta que acompanhou os presos, no qual, deixando-os á discrição do presidente da vizinha província, diz textualmente: «Eu deveria mandal-os punir na forma da lei, porem ha muitos outros, com que estamos entretidos» (2)

Esses muitos outros eram dezoito, como se deprehe de nova comunicação official de Poupino, na qual diz ao governador goyano achar-se «commandando e morando no Quartel rodeado dos cidadãos probos e agricultores».

A esse officio acompanharam «três terríveis periquitos presos» e elle, ironicamente, pede desculpas a Jardim «de enviar para a sua província gente tão boa!»

E insinua, com habilidade: «... assim irei mostrando a estrada por onde vierão e V. Ex. mandando-os soltar ahi não os deixe parar ...» e, numa revelação de sentimentos humanos, depois de accentuar serem «indignos e capazes para tudo quanto he máo», autoriza o Governo de Goyaz a «se precisarem d'algum dinheiro até 5\$000 cada hum, V. Ex. lhes mandará assistir por minha conta, que serei prompto na satisfação. (26)

Dirigindo-se ao Padre Felicíssimo José Leal, morador em Goyaz, dezeseite dias após a “rusga”, Poupino faz ver que, diante do «povo em massa, tropas nacionaes, municipaes, ligeiros e toda a canalha» amotinados, «nem q'apparecesse o mais enérgico homem podia sustar um tal furor».

Insiste em fazer ver a Alencastro, já nomeado presidente e a caminho de Matto Grosso, que «pode vir sem receio algum, assim como persuadir aos Negociantes Natos que podem vir, que nada se dirigio contra Brasileiros». (27)

Cerca de meio mês após, volta Poupino a escrever ao Padre Leal, asseverando que «jaz a Província em paz louvado D^s. p^r. que huns bicudos morrerão e outros fugirão» e insta porque accelere a vinda do presidente “que quero me ver livre de tal encargo”. (28)

Não satisfeito, dirigira-se ao próprio Alencastro, fazendo-lhe ver «que já esta cidade se acha em socego e p^r. isso que só se espera p^r. V. Ex.^{cia} para com energia e reconhecida prudência, dirigir os negócios da Província». (39)

Mais eloqüente que tudo o que fica dito, é o depoimento prestado por João Poupino, em um dos processos instaurados já depois da posse de Alencastro e da mal lograda reacção de 30 de Outubro, que determinou a prisão de Bento Franco e outros cabeçilhas da “rusga”.

Nessa importante peça, que vai transcripta na secção respectiva desta Revista — documentação sobre a “rusga” — João Poupino relata miudamente a coacção exercida sobre o governo pelos chefes do motim triumphante, chegando a situação e extremos verdadeiramente sorprendentes e quasi inacreditáveis.

Para não alongar de muito este ensaio, limitamo-nos a remetter a leitura desse documento de ledor curioso, que deseje formar uma idea segura do que foi a “rusga”, através da palavra do chefe do Governo áquel-

le tempo, o mesmo que, por haver procurado impedir a continuação da anarchia, se viu guerreado pelos seus antigos companheiros de nativismo, ate vir a ser victima de uma tremenda explosão de ódios longa e friamente accumulados.

IX

O desfecho

O prestigio crescente de Poupino, que a despeito de todos os revezes, se consolidara, dia a dia, quer junto ao governo de Alencastro, quer na aura das sympathias populares, começou, a incommodar os seus desaffectedos, entre os quaes se enfileiram, na primeira linha, as victimas da política de repressão aos demandos do *chauvinismo* exaltado. As prisões effectuadas em 30 de outubro, cinco meses justamente após o excidio de maio, vieram a ficar sem effeito, por deliberação do Supremo Tribunal de Justiça, que veio sanar graves abusos, qual o da prisão sem culpa formada, de Paschoal Domingos de Miranda, magistrado, alem de outros julgados summariamente e de plano como co-responsáveis pelos acontecimentos sangrentos de 1834.

Voltando a Cuyabá, os perseguidos da véspera, com pouco, passaram a ter assento nos conselhos do governo, devido á transformação política, que se operara com a queda fragorosa de Alencastro a quem, com poucos meses de governo interino, viria succeder José Antonio Pimenta Bueno, depois Marquez, de S. Vicente.

Intensifica-se junto ao novo presidente a campanha contra Poupino, movida pelos seus agora podero-

seus inimigos, José Alves Ribeiro e José Jacintho de Carvalho e com o declínio de seu prestígio, precipitado pelas tentativas de levante, todas fracassadas, que perpetrou o audaz guerrilheiro em agosto e dezembro de 1836 e em abril de 1837.

Na assembleia, arremetiam-se igualmente os adversários de Poupino, assanhados em dar o cheque-mate ao onipotente chefe da véspera, cuja popularidade entra em visível colapso, desde que desamparado do bafejo oficial.

Pimenta Bueno o hostiliza abertamente e em officio ao Ministro da justiça o indica, sem reboços, como perigoso á ordem e até defraudador da Fazenda Publica. (30)

O anno de 1837 entra para João Poupino sob sinistros auspícios.

O governo o compelle a fazer entrega das armas que tiver em seu poder, receioso, naturalmente, de novas tentativas de mashorca, dado o seu ascendente sobre a tropa.

E, por ultimo, quando elle próprio, Poupino, percebendo que o terreno se lhe tornara desfavorável e até perigoso, se dispõe a sahir da província, os inimigos, em tremenda conjuntura, resolvem a sua immediata eliminação.

Estava-se na primeira quinzena de maio de 1837.

No dia 9, terça-feira da semana que precedia as grandes festas do Espírito Santo, de que era imperador nesse anno o capitão-mór Gaudie, seu cunhado, João Poupino Caldas regressava de umas visitas de despedidas, por ter de seguir para a Corte, quando, na esquina da rua Bella com o bêcco da Câmara (31), traiçoeiro aggressor o prostra, quasi morto, com um tiro de pistola pelas costas . (32)

Tombava assim, em lance obscuro, vítima de ignóbil conluio, que se servia de braços mercenários para executar a vingança insidiosa, o bravo e generoso cuyabano que, em mais de uma ocasião, personificara as qualidades viris e os sentimentos destemerosos da raça que representava.

Triste desfecho de uma vida, que, tendo embora grandes falhas, se norteara, nas suas linhas geraes, no seu rumo ainda que incerto, pelo desejo de bem servir á causa do povo.

Nem sequer os seus desleaes inimigos lhe propiciaram o lance épico de uma tragédia a César, com a classica punhalada de Bruto, que lhe permittiu ainda reconhecer e apodar, em phrase histórica, o seu algoz.

O caudilho que enfrentara de frente erguida os seus adversos, em mais de um passo memorável da carreira agitada, baqueou em misera emboscada, ferido mortalmente por tocaieiro covarde, que, na sombra de uma, esquina escusa e escura, o alvejou quando, incauto, seguia o seu caminho. (32)

E comquanto, em linguagem official, o presidente increpasse o delicto «altamente condemnado pela lei, pela natureza, e pela moral», nenhuma providencia efficiente se tomou para a apuração da responsabilidade dos mandantes desse bárbaro e inexcusavel attentado.

Taunay, cuja obra já “referida contem curiosa narração do assassínio de Poupino, menciona a tradição que apoda ao presidente Pimenta Bueno o ter se entregue á influencia dos desaffectedos de Poupino, e indifferentismo revelado após a sua morte. (33)

Como quer que seja, o crime ficou impune, sem nem ao menos se chegar á conclusão de quem lhe fora auctor ou auctores.

A tradição aponta um Manoel Amazonas, que veio a morrer, foragido no salto Augusto, como o executor

do plano sinistro, que urdiram, na sombra, os inimigos do grande *condottiere*.

Como o attentado da rua dos Mercadores, em Villa-Bella, o de que foram victimas, no regime monarchico, Pina e Laureano Xavier, e tantos outros mais, destinava-se o drama de 9 de maio de 1837 a ficar, para sempre, envolvido nos véus de denso e impenetrável mysterio.

Impossibilidade de chegar a uma pesquisa certa e positiva? Ou, antes, condemnavel tolerância diante dos poderosos mandantes do delicto?

Não se pode, em consciência, dizer.

O que é certo é que com Poupino Caldas se encerrava a vida, cheia de lances heróicos e tristes, de um grande caudilho, mas não se fechava, infelizmente, o cyclo do caudilhismo em Matto Grosso.

De passo que se eclypsava; em pleno zenith da vida, a estrella de Poupino Caldas, erguia-se, no horizonte, a de Manoel Alves Ribeiro, destinado a fazer sombra aos governos legaes da província, numa década agitada, qual foi a de 1840 a 1850.

Representante dos elementos que actuaram no plano de eliminação de Poupino, Manoel Alves o substituiu, automaticamente, no papel de chefe autoritário e desabusado, papel de que somente o viria despojar a morte, occorrida em circumstancias bem prosaicas — victima da febre amarella que epidemiou, no Rio, justamente no meio do século, em 1850.

X

O Temperamento

Bem árdua tarefa será a de procurar, á luz da caracteriologia, investigar essa esphinge que foi a organização psychica do nosso biographado, fazendo emergir, da sombra do que foi, nessa nebulosa phase em que Poupino viveu e actuou, a marca da individualidade do heroe do nativismo cuyabano.

A tendência dos estudos psychologicos de nossos dias se reveste, como acertadamente frisa um dos nossos mais profundos escriptores contemporâneos, Tristão de Athayde, da preocupação de «pôr a sciencia psychologica em contacto com a vida e com a realidade humana de carne e osso.» (24) e por isso, para bem situarmos Poupino Caldas no seu «clima» histórico e psychologico, mister se faz o estudo não só das características do seu temperamento, como do meio em que agiu e de que foi segura resultante e valiosa componente, ao mesmo tempo.

Poupino ainda não foi estudado, nem comprehendido sequer.

Aflora-se-lhe a figura impressiva, no panorama confuso da sua época, como uma grandiosa caryatide, que, á distancia, se percebe ser algo de extraordinário, mas cujos contornos se esfazem e obumbram no tempo.

Dá-se, no caso, aquelle phenomeno a que se refere Rodrigues Valle, em interessante ensaio, da lenta modificação dos traços individuaes através da historia ou da lenda, surgindo «mesmo depois de plasmada» cada figura com «algo de cada um que a descreve.» (35)

Recorri a todas as fontes, mesmo oraes, que poderiam de qualquer forma ministrar esclarecimentos acerca da empolgante *psychê* poupiniana.

Ouvi velhos cuyabanos, da geração que veio ao mundo quando ainda mal se havia calado o fragor do entrechoque de 1834.

De todos colhi uma tradição mais ou menos uniforme. Poupino Caldas foi um impulsivo, um bom, um fraco, a quem o coração dominava mais do que o cérebro, cuja vida agitada se norteou mais pelas forças poderosas dos instintos do que pelo domínio sereno da razão.

O seu papel, na “rusga” é symptomático.

Já o evidenciamos e não há mister o repetir.

Faz pouco ainda, escutei a um velho amigo (36) a versão que lhe transmittira o pai, de que João Poupino culpa nenhuma teve nos sanguinolentos acontecimentos cujo centenário occorre neste anno.

«Elle não queria nada disso...

Quando muito, a expulsão dos “bicudos...”

Mas faltou-lhe força para impedir as loucuras e os abusos que vieram...»

De resto, o que se impõe á observação psychológica de quem tenta reconstruir, um século após, a imagem do nosso grande caudilho do período regencial, é que Poupino possuía, a par de notáveis attributos, taras insophismáveis que lhe entoxicavam o o espírito.

Vinham-lhe dos antecedentes, familiaes estigmas de degenerescência bem accentuados.

Umas das suas tias, pelo lado materno, era paranóica — a de nome Isabel Antonia.

Louco veio a morer o seu primo Antonio Navarro de Abreu (junior).

E não são os únicos casos de psychose e anormalidade mental na família.

O próprio João Poupino teve do seu casal um filho surdo-mudo, Antonio, fallecido em 1857. (37)

A vista de taes elementos, fácil será ajuizar do que foi, num meio em formação, sob influencias raciaes poderosíssimas — Poupino era um mestiço de primeira geração, filho de português e cuyabana — a acção do terrível cabo-de-guerra.

É conhecida a sua versatilidade, que julgamos ter posto a nu neste ensaio.

Também não se pode esconder a sua insaciável libido, para usar a linguagem de hoje, á maneira freudeana.

Neste particular, muito haveria que dizer, de referencia a quem foi, no dizer de Taunay «capaz até de crimes para saciar instintos de baixa luxuria». (38)

Deixou extra-thalamo grande numero de descendentes, alguns legitimados, outros não.

Nos livros de assentamentos de baptismos figura frequentemente João Poupino como «padrinho» de filhos naturaes (39), o que induz a crer, dentro da moral da época, tratar-se de velado disfarce, encobrando-se na pia baptismal, sob a apparencia de paranymphado, a responsabilidade maior da paternidade.

De certo modo, a incontidência de Poupino, se atenua com a consideração da paisagem social daquelle tempo, em que os costumes, si não eram mais soltos que os de hoje, propiciavam, entretanto, muito mais, num meio acanhado e rústico, a ascendência dos chefes sobre a arraia-miuda, servindo de estímulos acicantes á concupiscência até o clima, ardente e excitante, para não falar na influencia da escravatura, no relaxamento geral da moralidade, de que participava até o clero, e outros muitos factores.

O «patriarchalismo polygamo» de que fala Gilberto Freyre, no seu admirável livro «Casa-grande e Senzala» entrou por muito, não há negar, como concausa das desordens de sexualidade, na vida tormentosa de Poupino.

Serve-lhe, não de excusa, mais pelo menos, de minoração.

Na complexa individualidade de João Poupino, desafiando a analyse dos photographos de almas, dos artistas da câmara escura da consciência, chocam-se e se mesclam, fundem-se ou repelem-se, por vezes, qualidades antagônicas, vícios os mais ignóbeis e rasgos da mais alta nobreza.

E quando, na noite trágica de 1837, a “bala de prata” do sicário, a soldo de seus inimigos, o derrubou em plena rua, pode se dizer que com elle se apagou um astro de primeira grandeza, cheio de brilhos e de sombras, e encerrou-se, no tumulto que lhe recebeu o cadáver, o cyclo das agitações nativista, de que elle foi a alma e, ao mesmo tempo, o repressor violentíssimo.

Porque Poupino Caldas, com todos os seus defeitos e virtudes, tão grandes uns como outras, encarnou, num dado momento, a *psyché* de sua gente, a mentalidade do seu povo, a alma rude, franca, impulsiva e, no fundo, boa, da raça cuyabana.

XI

A descendência

Morto João Poupino, abriu-se-lhe, no mesmo anno, o inventario, que ficou sem encerramento até que, a 15 de maio de 1851, foi requerido novo, figurando como inventariante e cabeça de casal D. Luisa da Silva Albuquerque. (40)

Do seu casal houve Poupino seis filhos, que foram: João Poupino Caldas (junior), Potenciana Auta, Antonio, Caetano Maria de Macerata, Fortunata e Luisa Maria Zeferina.

Alem desses, porém, deixou grande numero de descendentes, entre os quaes se notabilizaria João Augusto Caldas, (1836-1887) nascido poucos meses antes do drama em que deveria succumbir o seu pae.

Foi este um grande amigo e conhecedor de nossas cousas e um verdadeiro *self-made-man*, producto exclusivo do próprio e decidido esforço.

Deixou interessantes estudos sobre o nosso passado, dos quaes apenas se salvou, archivado em volume, a Memória sobre os índios de Matto Grosso. (41)

Das filhas do casal Poupino — D. Luisa, Potenciana foi a única que se casou, recebendo por esposo a Francisco Fernandes da Silva Tavares.

Da estirpe legitima do grande caudilho, existem, que me consta, os descendentes do seu primogênito e homonymo, João Poupino Caldas, que deixou três filhas: Anna, Luisa e Marianna.

As duas ultimas, casadas com João Henrique de Carvalho e Antonio Gomes de Aguiar, respectivamente, não deixaram prole.

Da primeira, que desposou o capitão do exercito Joaquim Maria do Espírito Santo, é filha única D. Minervina do Espírito Santo, casada com Jorge Bicudo, de quem houve os seguintes filhos:

2-1 – Hormina (†)

2-2 – Cap. Brocardo Bicudo, casado com Leopoldina de

Pinho Bicudo; filhos:

3-1 – Nylce

3-2 – Milton

3-3 – Silla

JOÃO POUPINO CALDAS

3-4 – Marina
3-5 – Maria da Candelária
2-3 - Hormindo Bicudo; telegraphista, casado com
Maria Inês de Mesquita Bicudo; filhos:
3-1 – Dacio
3-2 – Ary
3-3 – Maria Inês
2-4 – Maria Paula Bicudo
2-5 – 1º Te. Jorge Bicudo Filho, casado com Nadyr
Martins Bicudo; filho:
3-1 – Ivo
2-6 – Larissa Bicudo de Oliveira — esposa de Affonso
Pinto de Oliveira Filho; filhos:
3-1 – Cecy
3-2 – José
3-3 – Affonso
3-4 – Maria Margarida
2-7 – Nimia Bicudo Novis — esposa do Dr. Álvaro
Novis
2-8 – Dacio (†)
2-9 – Heraide (†)
2-10 – Maria da Gloria (†)
2-11 – Alda
2-12 – Olga
2-13 – Antonio
2-14 – Plínio
2-15 – Joaquim
2-16 – Benedicto (†)
A viúva de Poupino; D.Luisa, faleceu em Cuyabá, a 3
de julho de 1862, precedida no tumulo pelos filhos

JOSÉ DE MESQUITA

Antonio e Caetano e seguida, logo após, em 1863, pela filha
Luisa Maria, que morreu inupta, aos 29 annos.
De João Augusto Caldas e D. Angélica Leque ficaram
os descendentes, que se seguem:
2-1 - José Augusto Caldas — casado, em 1^{as} núpcias,
com D. Maria Duarte Caldas; filho:
3-1 - Benedicta (†)
3-2 - Oswaldo Caldas — casado com Maria Caldas, 2
filhos:
4-1 - José
4-2 - Yvonne
3-3 - Almerinda
3-4 - Oriovaldo Caldas — casado com Carmen de
Castro, 3 filhos:
3-5 - Antonio Caldas (†) — foi casado com Anna das
Neves Caldas, 1 filho:
4-1 - Oswaldo
3-6 - Iracema Caldas Nunes Ribeiro — esposa de
Salomão Nunes Ribeiro, 4 filhos:
4-1 - Benedicto
4-2 - Maria Estella
4-3 - Olga
4-4 - Josephi
Em segundas núpcias, José Augusto casou-se com sua
cunhada D. Anna Duarte Caldas, de quem teve 2 filhos:
3-7 - Antonio Duarte (†)
3-8 - Benedicto Duarte
2-2 - Maria Augusta Caldas Martins — casada com o
cap. Antonio Manoel Martins, filhos:

JOÃO POUPINO CALDAS

- 3-1 - Maria da Gloria
- 3-2 - Humberto Martins - foi casado com Waldomira do Couto; 1 filha:
 - 4-1 - Annita Martins (†) — foi casada com Ranulpho Corrêa
 - 3-3- Alice Martins (†) — foi casada com Jehovah Epaminondas, filhos:
 - 4-1 - Dea
 - 4-2 - Joalice
 - 3-4 - Gonçalo Martins — casado com Mathilde Marques Martins
 - 3-5 - Antonia Martins
 - 3-6 - Carmen Martins (†)
 - 2-3 - Américo Augusto Caldas, desposou Regina de Albuquerque Caldas, filhos:
 - 3-1 - Luisa — casada
 - 3-2 - Maria — casada
 - 3-3 - Aulette
 - 3-4 - Mario
 - 3-5 - Nair
 - 3-6 - Lourdes
 - 3-7 - Américo
 - 3-8 - Regina
 - 2-4 - Maria da Gloria Caldas — solteira.

JOSÉ DE MESQUITA

XII

O papel de Poupino

Temos chegado ao fim deste estudo, no qual procuramos objectivar, através da documentação que se nos deparou e das inferências psicológicas, o papel de João Poupino Caldas na historia de Matto Grosso.

E, quanto parece, pensamos haver, imparcialmente, apontado essa actuação que fez do cabecilha cuyabano uma figura de larga projecção no seu “instante de vida”, um verdadeiro heroe, a carlyleana, isto é um homem-homem, uma personalidade destacada entre os seus contemporâneos.

O grande agitador das massas, inaugurante que foi do caudilhismo em Matto Grosso, possuía qualidades boas e más, como já ficou dicto e patenteado, no mais alto potencial.

Hereditariedade, por um lado, influencia ambiente, por outro, fizeram delle um meio-tarado, de attributos que o marcaram de modo incontestável, entre os coevos.

Emerson não se desdouraria em afileiral-o, guardadas as devidas proporções, entre os seus *representative-man*; Nietzsche, em seus lances de loucura genial, veria nelle um quasi super-homem, taes os traços do seu character invulgar; Freud acharia na sua psychose vasto campo de estudos para a sua doutrina que, descontados certos exageros e generalizações perigosas, possui seu grande fundo de verdade.

Nada disso, entanto, nos interessa em Poupino.

Vemos nelle apenas o homem que encarnou, em dado momento, com um profundo senso de realismo e

oportunidade, a trepida, inquieta, ansiosa, e ainda implasmada alma cuyabana, feita de profundo amor á liberdade e não menor sentimento de ordem e estabilidade, mixto, semi-incomprehensível, de espírito revolucionário e conservador, a aspirar sempre o avanço para o progresso e a receiar, cautelosa, o desprendimento dos laços que a atam ao passado e á rotina.

Vale notar e pôr de manifesto certos traços específicos de tão curiosa personalidade, antes de encerrarmos este ligeiro esboço biographico e histórico, em que, através de um homem, se procura descrever uma época e assignalar uma raça.

Poupino era bem é fundamentalmente cuyabano.

Pela linha materna, vinha-lhe a progênie de mais de uma geração cuyabana e, comquanto fosse português, seu pai já vivia radicado ao meio, onde exercia a profissão de commerciante ha tempos.

Seus hábitos e carreira frisam o completo enraizamento no meio onde nasceu e actuou: faz-se militar e homem de negócios, essencialmente urbanista, ao contrario dos seus companheiros e os demais personagens do grande drama de 1834, que eram na mór parte senhores ruraes, a exemplo de Antonio Corrêa, Jeronymo J. Nunes e outros.

Em Cuyabá, unicamente, exerce o seu labor.

Ao morrer, em pleno fastígio da vida e da carreira, não se lhe encontra no patrimônio mais que uma sesmaria na fralda da serra: todos os seus bens são immoveis situados na cidade. (42)

Toda a sua actividade privada se confina aos negócios e á carreira publica, á milícia e á politica.

Esta, sobretudo, o empolga.

E faz politica pela politica, quer dizer sem outro objecto que o de ser chefe, de mandar e ser obedecido.

Gasta sem medida, visando apenas angariar proselytos.

Não se poupa, nem mesmo no mealheiro, que tinha farto, graças a sua situação de filho de paes abastados e homem laborioso e, por sua vez, favorecido pela fortuna.

Entra de corpo e alma para a politica, numa phase em que os negócios do Estado apaixonavam, de sul a norte do país.

E é o poderoso dynamo de brasileirismo, a impulsionar os anseios autonômicos da nossa gente, dese o movimento reivindicador de 1820, com que os cuybanos se collocaram bravamente na dianteira da revolução nacional que nos fez independentes em 1822.

Dali por diante, até os dias trágicos de 1834, sempre o veremos na vanguarda dos pronunciamentos nativistas. É o *leader* das campanhas antilusitanas, luctando a prol da hegemonia dos naturaes da terra e contra os adventícios.

Sempre, porem, com raro equilíbrio na hora de agir.

Combate Patrício Manso, por alienígena, mas prestigia Fr. José, no incidente com o mestiço audaz. No Conselho é o que mais se oppõe á nomeação de Vaz Guimarães, e todavia, acceita o encargo de ir pacificar Diamantino, perigoso foco de reacção.

Combate a cupidez de Manso e, num dos característicos traços da sua liberalidade, propõe-se a pagar pelo musico Victorino T. Pereira os 20\$ da multa aconselhando ao Cirurgião-mór «seja prudente no interior, como parece no exterior, e veja que mais vale ao pobre um do que ao rico dez,» e pede-lhe que «deixe viver tranquillo o pobre ajuntando mantimentos para sustentar a sua família.» (43)

Não cura o próprio bem-estar dos seus, que chega

JOÃO POUPINO CALDAS

a sacrificar e comprometter cuidando antes do interesse publico.

Ha uma curiosa quadrinha, de tradição oral na família, indicativa de que, com poucos dias de casado, em plena lua de mel, o fogoso guerrilheiro se via em aperturas que o punham e a esposa em palpos de aranha:

João Poupino Caldas
Ha poucos dias se casou
Elle chora, a mulher chora,
A sogra diz: quem te mandou?

Ao explodir o movimento de 30 de maio, bomba que lhe veio estourar nas mãos, Poupino, como vimos transfigura-se.

Appella para D. José e ambos sahem, tentando, inutilmente, refrear a populaça enfuriada. Após os desvarios, é ainda elle quem assume o papel odioso de agente da punição, apura as responsabilidades, ateando contra si a fogueira dos ódios, que vem a sacrificial-o.

Humano, profundamente christão é o seu proceder com relação ás victimas da infrene perseguição.

É typico o caso do brasileiro tenente Manoel Pinheiro de Almeida, cujo enterro Poupino promoveu «com alguma decência para animar assim a família que arroteava o cadáver daquelle infeliz», recebendo, por esse procedimento, chacotas de Paschoal Domingos, como reprehendendo-o por ter sentido a morte daquelle brasileiro, dizendo — «quem sente a morte de um caramurú...» (44)

A sua attitude posterior aos lúgubres acontecimentos de maio, longe de ser, como lhe apodaram os companheiros, uma traição, foi a de natural reacção contra a anarchia, em que ameaçava degenerar a insurreição nativista.

JOSÉ DE MESQUITA

Ainda aqui, o traço dominante do sue character, o senso da ordem, sobrepondo-se ao da liberdade.

Disso, elle só se afasta, e de uma forma lamentável quando vê crescer a conjuntura dos seus inimigos, prestes a arrebatá-lo o poder das mãos.

Surge, de novo, o caudilho, que parecia haver desaparecido e mostra, por mais de uma vez, as garras contra o presidente Pimenta Bueno.

Era, entretanto, o fim.

Na tocaia dos seus implacáveis adversários, cujo ódio se excedia nos transportes mais violentos, Poupino tomba ingloriamente, numa noite de maio, ao espocar dos fogos festivos com que a cidade festejava o Divino, sem perceber, por isso mesmo, o deflagrar da arma homicida que tirou a vida ao primeiro — e dos maiores — caudilho cuyabano.

(Cuyabá, 15 a 30 de Maio de 1934)

NOTA FINAL

A bibliographia da Rusga e de João Poupino não é grande, mas é interessante.

Os auctores que do assumpto se tem occupado vão, quasi todos, citados nas notas deste ensaio. Um ou outro talvez, haja versado o thema de que trata esta monographia, sem figurar nas minhas citas.

Não será de caso pensado.

De resto, a literatura e a historia da Rusga são confusas, tendo havido a preocupação de escurecer o assumpto para expurgar do passado matto-grossense essas paginas tristes.

Do que veio á luz sobre o caso, bem pouco deixa de revelar a paixão das victimas ou o ódio aos algozes.

É typico neste sentido, o MANIFESTO de 1835, publicado na revista O ARCHIVO, anno II, vol. II (abril 1906).

Mais interessante seria o trabalho histórico «Os Cagliostros ou as Vésperas Sicilianas de 30 de Maio» de que deu notícia a “Imprensa de Cuyabá”, em sua edição de 10 de janeiro de 1861, e que parece, entretanto, nunca ter vindo a lume.

NOTAS DO TEXTO

(1) Declaração de Costa Siqueira, Revista do Instituto Histórico de Matto Grosso, XVII, 66.

(2) Vol. citº pags. 58 a 63. Acerca do nome da família, que uns escrevem Popinio, outros Paupino, os documentos mais antigos e fidedignos se referem sempre a Poupino — que deve ser, entretanto, corruptela da forma latina Popinius, em português Popinio.

(3) 1º Lº cart. orph. masso nº 20.

(4) Inventário em 1799, (1º cartº. Orph. Masso nº 21)

(5) Livro I do cartório ecclesiastico.

(6) Melhor diria a irman, D. Marianna, pois a outra, Maria Teresa, teve prole resumidíssima, que não se expandiu. Na família Poupino-Gaudie, cujo estudo minudente fizemos nesta mesma revista, Vols. V — VIII, há um representante do clero, o ilustre Arcebispo D. Aquino, único, mas que por seus méritos basta a creditar toda a linhagem.

(7) 1º Lº de patentes no Archivo do Palácio do Governo, de 1811 a 1824, fl. 32.

(8) idem fl. 82.

(9) Ob.cit. pag. 95 da 1ª edic. de 1891.

(10) Ver, nesta revista, os estudos de Genealogia Cuiabana, tit. Cerqueira Caldas e Gaudies e as notas ao testamento do cabo de guerra Moraes Navarro.

(11) A Sua promoção é de 8 de Novembro de 1820.

(12) V. Corrêa Filho, Notas á Margem, 83.

(13) V. Taunay op. cit. pag. 96. No Instituto Histórico de Matto Grosso existe, offerecido por um descendente de João Poupino, um grande retrato a óleo, que se attribue ser do caudilho, havendo duvidas, entretanto devido, á discordância das datas contidas na legenda em que se vê: A. A. S. P. Nascido a 8 de Setembro de 1800 — Retratado a 8 de fevereiro de 1864. É uma bella figura, de linhas distinctas e um todo marcial.

Será mesmo o grande cabecilha?

(14) Pasquim existente no archivo do governo de Matto Grosso e referido por V. Corrêa Filho, op. cit. 119.

(15) Officio de A Corrêa a Regência, em 6 de agosto de 1833.

(16) V. Corrêa Filho, Notas á margem, pag. 120, nota 140.

(17) Noticia sobre a província de Matto Grosso, pag. 10.

(18) Datas, I, pag.275.

(19) Esboço da Historia de Matto Grosso, cap. XXV, n'A CRUZ, de 26 de setembro de 1926.

(20) V. Corrêa Filho, op. cit. pag. 126.

(21) Revista Matto Grosso, de Cuyabá, anno III, nº 11.

(22) Calógeras — formação histórica do Brasil, pag. 70.

(23) Officio de 21 de junho de 1834.

(24) Idem, de 14 de outubro.

(24) Idem, de 4 de setembr.

(26) Idem, da mesma data.

(27) Idem, de 16 de junho.

(28) Idem, de 3 de julho.

(29) Idem de 16 de junho.

(30) V. Corrêa Filho, op. cit. pag. 138 e seguintes.

(31) Hoje rua 13 de junho e travessa João Dias, respectivamente.

(32) Com relação a tragédia do becco da Câmara há, no reconto de V. Corrêa Filho, em sua monographia de “Magessi a Pimenta Bueno”, uma particularidade que merece retificada. Louvando-se em Taunay, o emérito ensaísta diz que Poupino estivera em casa de sua mãe, que Taunay dava no largo do Ypiranga e), V. Corrêa Filho situa na Praça da República.

Ora, D. Anna de Alvim, mãe de Poupino, fallecera a 23 de setembro de 1823, como se vê de uma justificação feita dez annos após, para habilitação dos herdeiros da sua irman Catharina Maria Jorte (ou Dorta), que morreu a 30 de janeiro de 1833. As casas do ypiranga e o sobrado do largo de Sé (hoje Hotel Esplanada) já pertenciam a Poupino, sendo que este último figurara no inventario do seu avô Joaquim Lopes, avaliado em 1.000 oitavas de ouro. Poupino, não residia, entretanto, nem no sobrado, nem na quinta do Ypiranga e sim na Rua de Baixo, 36, onde o encontramos no resenceamento de 1829.

(33) Equivocou-se Taunay com respeito á data da morte de Poupino que, na 1ª edição do seu interessante livro, diz ter-se dado a 29 de agosto de 1837, apparecendo na 2ª edição como occorrida a 20 daquelle mês e anno.

(34) “O jornal” de 5 de maio corrente, na secção *Letras Estrangeiras*.

(35) Nova concepção da História, pag.15.

(36) O snr. Joaquim da Silva Prado Barata, octogenário, mas de memória bem lúcida e fiel.

(37) Mesmo entre os descendentes actuaes há casos de taras visíveis, que não se faz mister apontar.

(38) Op. cit. pag. 95

(39) Curiosa estatística que venho fazendo dos nascimentos em Cuyabá, no primeiro quartel do século XIX, demonstra a espantosa percentagem de espúrios, que chegam, por vezes, a attingir e até supplantar o numero de rebentos legítimos.

(40) Os bens do espolio são representados pela casa e terreno á rua Bella do Juiz, esquina da travessa que lhe tomou o nome, pelo sobrado do largo da Sé, uma casa na rua do Campo 38 e uma sesmaria nas abas da ser-

JOÃO POUPINO CALDAS

ra de S. Jeronymo, 27 escravos, dos quaes 7 do sexo femenino alem de bens de outra natureza. O montemór elevou-se a 60:366\$503 e serviu de curador Bento Franco de Camargo que recebeu 368\$640, de honorários, como patrono da herança (inventario do 1º cartório orphanologico, masso nº 51)

(41) Datas Matto-Grossenses, de E. de Mendonça, I, 20.

(42) Curioso contraste se faria com o exame dos inventários de Poupino e de Patrício Manso, feito este quando morreu a sua primeira mulher. Patrício Manso accusa um espolio de 73:571\$100 e não tinha uma casa de morada!

(43) V. Corrêa filho, Notas á margem, pg. 117; nota 133.

(44) Depoimento de Poupino, já referido no Cap. VIII.